

CONSELHO EDITORIALM. F. DO NASCIMENTO BRITO
PresidenteWILSON FIGUEIREDO
Vice-Presidente**REDAÇÃO**MARCELO PONTES
EditorPAULO TOTTI
Editor ExecutivoMARCELO BERABA
Editor ExecutivoORIVALDO PERIN
Secretário de Redação**SISTEMA JB**SERGIO REGO MONTEIRO
Vice-Presidente**JORNAL DO BRASIL**
HENRIQUE CABAN
Diretor Executivo

Falta Rousseau

OPT anunciou que vai se inspirar em idéias do primeiro-ministro socialista francês, Lionel Jospin, e do primeiro-ministro inglês, Tony Blair, para elaborar o programa de governo para Lula. Estão pensando na criação de empregos públicos, redução da jornada de trabalho e na taxação sobre os lucros extraordinários das empresas privatizadas. Falam também na "quarentena" para o capital especulativo, desvalorizações sucessivas e acentuadas do real, desencorajar os eventuais compradores da Telebrás e rever a privatização da Vale do Rio Doce.

Essas medidas são facas de dois gumes para o Brasil na atual conjuntura internacional. A criação de empregos no setor público, proposta por Jospin para horror dos austeros alemães, pode ser receita para aprofundar o déficit público. Redução da jornada de trabalho oneraria os custos das empresas. Taxação sobre lucros, imposto sobre fortunas, redução de taxas de juros e revisão de privatizações provocarão a debandada de investidores. A volta da inflação seria a pior tragédia.

Mas não basta copiar pontos esparsos do programa de Jospin e Blair para se declarar democrata e competente como eles. O perfil dos políticos europeus nada tem a ver com o de Lula. Blair é um moderado, de centro, privatista, diplomado em Oxford, tendo retirado do programa trabalhista a tese da socialização dos meios de produção. Lula, não: é o oposto.

Jospin absorveu a lição de Locke sobre direi-

tos humanos, a de Montesquieu sobre a divisão de poderes e a de Rousseau sobre o contrato social. Como economista, sabe que a liberação econômica induz a liberação política, enquanto o coletivismo ultrapassado está associado mais freqüentemente ao despotismo político.

Blair e Jospin diferem de um candidato conhecido pela insuficiência de preparo e pelo destemper, hostil ao Congresso – que abandonou com profundo desprezo – e às regras do jogo da democracia representativa, ao qual nega legitimidade. O mundo mudou radicalmente depois da queda do Muro de Berlim, do fim da guerra fria e da dissolução da antiga URSS, sem falar na globalização econômica, fruto da informatização – Lula continua com as mesmas crenças da década passada.

Recusa-se Lula a uma atualização de posições sobre o papel do Estado, os malefícios da reserva de mercado e a caducidade do modelo corporativo xenófobo. O pânico de perder a identidade ideológica gera rigidez conceitual e o impede de propor alternativas aos suspeitamente satisfeitos e aos medrosamente protecionistas.

O historiador Tony Judt formulou o desafio real desse final de século: a esquerda somente poderá conseguir novamente o alto nível de uma discussão sócio-política se encontrar o caminho para o discurso sensato da prática democrática cotidiana. As oposições estão longe de aceitar esse desafio.